



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



## Fotografia sensorial: Imaginação, memória e o inesperado<sup>1</sup>

Cristianne Melo<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande

### RESUMO

Aliu Baio, 29 anos, natural da Guiné-Bissau, fotógrafo, baterista e pessoa com cegueira. Suas imagens - como ele próprio define - são *fotografias sonoras*, resultado da combinação entre imaginação, memória e o inesperado. Neste artigo, suas criações são também entendidas como sensoriais, imaginativas, perceptivas e rememorativas. Ao pensar sua prática somos convidados a expandir a compreensão sobre o ver e interrogar o oclocentrismo predominante. Sua obra nos coloca em um jogo entre o visível e o invisível, bem como reflete as ausências de inclusão e acessibilidade. Além dessa análise, o presente estudo apresenta um relato de experiência acerca de uma vivência fotográfica em Parede, cidade portuguesa e atual residência de Baio.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia sensorial; percepção; memória; inclusão PCDvisual.

Existem imagens que não foram materializadas em um suporte físico ou digital, imagens nas quais sua fugacidade atravessou a imaginação dos criadores, mas não constituiu materialidade à presença do outro. Hervé Guibert (2023, p.12) denomina tais criações como *imagem fantasma*, para este autor trata-se de uma imagem voltada a um estado de invisibilidade, que não aparecem ou imagens latentes, íntimas ao ponto de serem invisíveis.

Para elucidar tal conceito, Guibert (2023) recorre a sua prática fotográfica e ressalta que as imagens fantasmas são como fotografias que foram feitas pela mente, no observar do fato, em que o fotógrafo realiza o enquadramento, compõe a cena e imagina a foto. Segundo o autor, a imagem fantasma só existe porque temos a ideia do que é a fotografia e esta não pode ser entendida como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT "Fotografia Contemporânea", na VII Grão Fino: Semana de Fotografia. Este relato de experiência também foi apresentado no 9.º Encontro em Práticas de Investigação em Educação Artística, Lisboa - PT, fev 2023.

<sup>2</sup> Professora na graduação de Arte e Mídia - UFCG, e-mail: cristianne.melo@gmail.com



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



a recusa da dimensão física dela, mas uma visualidade que se constituiu vinculada ao campo.

Assim como Hervé Guibert, Natália Brizuela (2014) nos convida a refletir sobre uma fotografia desassociada da materialidade física ou digital. A autora descreve a ação de uma fotógrafa que ensaia várias tomadas, mas não aciona o botão do obturador da câmera, o equipamento serve apenas para enquadrar cenas por meio do visor. Cada vez que ela modifica a dimensão do enquadramento sobre o objeto, descobre novas características dele, coisas que não necessariamente são da ordem do visível, pois destaca o comportamento das coisas, dos seres vivos, especificidades nem sempre passíveis da concretude.

Brizuela (2014) questiona: Como é possível fotografar sem fotografar? Ao liberar a imagem do suporte, cria-se uma fotografia distante da escrita pictórica. “A proposta de uma fotografia sem fotografia liberta o meio daquilo que o caracterizou, ontologicamente, desde os seus múltiplos inícios no século XIX: a indexicalidade.” (BRIZUELA, 2014, p. 166). Já que socialmente, a fotografia é compreendida como um traço de algo real, um índice que sinaliza um evento de mundo. Desta forma, criar fotografias sem fotografar resulta em fotos imaginárias, que não são registros, nem provas documentais. Não se trata do passado, mas de um contínuo presente criado na visualidade, que pode ser modificado conforme a intenção.

Para a construção deste estudo, interessa os conceitos de imagens fantasmas e fotografias imaginárias quando estes abrem caminhos para refletir a nossa capacidade de visualidade e visualização, uma vez que a visualidade é um olhar – subjetivo - como fator social, histórico, corporal, que obedece aos processos socioculturais e, ao serem compartilhados, forjam padrões; já a visualização torna visível uma cena, mesmo que mentalmente, uma vez que se refere ao mecanismo subjetivo de criação, a imaginação (KOSMINSKY, 2013).

Tais relações (visão e visualidade; visualidade e visualizações) sofrem um processo de mútua influência, no qual a memória e as temporalidades geram



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



intervenções. Mas, ainda assim, é apenas na visão que encontramos a capacidade de enxergar.

Neste panorama, a fotografia imaginária pode ser produzida a partir de outros sentidos, estimulada pelo tato e/ou audição, paladar ou olfato, já que a relação entre *estar* e *perceber* o mundo atravessa as corporalidades repletas de contextos culturais, sensoriais, históricos, rememorativos. Expandir esta compreensão é também compreender que o ver não é o ato de enxergar, como aponta Derrida (2012), existem coisas que se vê sem *ver*, e que não se vê ao *ver*, pois o *ver* não se refere unicamente aos nossos olhos, como se pensa. O *ver* associa-se à visibilidade que se compreende sob uma superfície do invisível, cujo a percepção atua e se relaciona com o apreender e o pensar, indicando que criação e recepção não são exclusivamente visuais.

Buscando elucidar seu pensamento, Derrida (2012) esclarece que quando falamos não vemos, pois não é possível enxergar o que se diz, apenas ver - criar visualidades -, logo a experiência da fala implica estruturalmente a não vidência. O que torna visível as coisas, não é unicamente o avistar.

Caminhando por esta reflexão, o pensamento encontra a produção fotográfica realizada por pessoas com deficiência visual. Aquela que atravessa as imagens fantasmas e é produzida distante do enxergar, recorrendo a uma *corporalidade que olha*. Existem vários(as) fotógrafos(as) PCDVisuais que criam imagens por meio dos sentidos e da ação rememorativa, como por exemplo Aliu Baio.

## **DA FOTOGRAFIA IMAGINÁRIA À FOTOGRAFIA SENSORIAL, UM REALTO DE EXPERIÊNCIA**

Aliu Baio tem 29 anos, é natural da Guiné-Bissau/África e desde os 11 anos de idade vive em Portugal. Baio é baterista profissional há 14 anos e se reconhece como fotógrafo desde 2019. Este artista nasceu com baixa visão no olho direito devido ao glaucoma e aos 4 anos de idade, quando brincava com os avós e irmãos, foi surpreendido por veículos de tropas militares devido à guerra civil na África.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Então, assustado, fugiu para um campo com inúmeros cajueiros, onde acidentalmente feriu o olho esquerdo - aquele que lhe permitia a visão. Devido à falta de acesso aos cuidados médicos, sua condição piorou gradualmente, assim aos 10 anos de idade, mudou-se para Portugal em busca de assistência clínica, mas aos 11 perdeu completamente a visão (BAIO, 2019).

Apaixonado pelo esporte, Baio já passou por vários esportes adaptados, como karatê, vela, esgrima e judô. Atualmente é federado pelo Sporting Clube de Portugal em *goalball*. Aos 17 anos iniciou seus estudos em jazz e até hoje relaciona-se diretamente com a música, ele é professor de bateria e integrante da banda Vertigem. Também cursou alguns anos da graduação em psicologia, bem como adora produzir fotografias sonoras, como ele mesmo denomina, já que busca fotografar principalmente os sons que despertam sua atenção.

A primeira experiência significativa com a fotografia ocorreu no ano de 2014, quando utilizou uma câmera digital de ação compacta (GoPro) para um mergulho a convite do jornalista Miguel Bretiano. A experiência fazia parte das filmagens de um filme que não chegou a se concretizar. Contudo, instaurou a curiosidade em Baio e ele passou a usar seu smartphone a partir do modo de acessibilidade, o qual descreve principalmente a quantidade e local de pessoas enquadradas.

As imagens fotográficas realizadas por Aliu Baio eram capturadas de forma ocasional, com o intuito de arquivar os momentos vivenciados. Quando ganhava coragem, Baio compartilhava suas fotografias com amigos próximos, mas não revelava sua autoria, estava tímido, almejava apenas um *feedback*. Ele não acreditava em sua capacidade, julgava que as pessoas estavam apenas sendo simpáticas ao elogiá-lo (BAIO, 2022).

No decorrer do ano de 2019, Baio teve a oportunidade de experimentar câmeras analógicas descartáveis por meio do contato com o fotojornalista João Silva. O projeto intitulado *Do teu ombro vejo o mundo* lhe permitiu capturar seu cotidiano e, ao mesmo tempo, trocar experiências criativas com alguém interessado em sua forma de expressão. Na ocasião, mais seguro de sua prática, Baio experimentou a câmera analógica e a compreendeu como uma nova forma



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



de diversão, ela proporcionava felicidade pela liberdade imaginativa, quanto cautela por meio da expectativa sobre o que iria acontecer.

Este fotógrafo relembra que a primeira fotografia produzida para este projeto foi um retrato do João Silva, pois ao receber a câmera, prontamente apontou-a para o amigo e disparou. Baio chegou a usar 10 câmeras descartáveis de 24 poses, “Levava a câmera para todo o lado que eu ia, e quando sentia o momento, eu disparava” (BAIO, 2022). Em 2022, o projeto venceu o prêmio Novos Talentos Fnac/Portugal, destacando as imagens produzidas tanto por João Silva, quanto por Aliu Baio.

Foi neste momento que tomei conhecimento da história de Aliu Baio, por meio de reportagens e notícias que encontrei. Em meados de outubro de 2022, entrei em contato com Baio pelas redes sociais, e iniciamos um diálogo sobre suas produções fotográficas. Após conhecer um pouco mais sobre sua trajetória e seu cotidiano, sugeri que fotografássemos juntos, com a intenção de construirmos uma vivência compartilhada sobre o sentir. Baio aceitou prontamente a proposta.

Aliu Baio encontrou-me na estação de trem da cidade de Parede (PT) na manhã de 04 de novembro de 2022, uma sexta-feira de clima agradável, céu azul turquesa com poucas nuvens finas e espaçadas. À princípio me ofereci para encontrá-lo em algum lugar mais confortável a sua mobilidade, porém com muita delicadeza Baio me fez entender a importância de recepcionar-me na sua cidade de morada. E assim o fez.

Baio vestia um sorriso largo - sua principal característica -, óculos escuros grandes, camisa de botão e mangas longas na cor bege, calças jeans e sapatos de bico na cor marrom. Ele utilizava uma bengala na cor branca. Caminhei até ele, apresentei-me e após o primeiro olá, ele ofereceu-me o braço e disse “Vamos assim”. Rapidamente pensei na ação de entrega que esta experiência requiritava. Apreciei a disponibilidade de Aliu Baio em apresentar seu mundo, ao mesmo tempo em que me confiava à condução pelas ruas. Observei minha entrega à rota escolhida por ele, já que não sabia para onde ir, apenas por onde caminhar.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Saímos da estação e enquanto caminhávamos pelas ruas, algumas pessoas o cumprimentavam, ele os reconhecia pela voz e desenrolava meias notas de conversa. Ao longo do percurso, Baio me mostrou a acessibilidade urbanística de Parede por meio do piso podotátil, percebi a pouca sinalização e que frequentemente se confundia com as ruas de pedras portuguesas que constituem as calçadas. Raciocinei sobre as barreiras urbanísticas e arquitetônicas de um modo geral e em como a sociedade não se prepara para acolher os diferentes corpos e suas características. Tal pensamento se repetia todas as vezes em que a bengala de Baio encravava por entre as pequenas pedras brancas.

A solução encontrada pelo fotógrafo para deslocar-se sozinho, assim como a de tantas outras pessoas com deficiência visual, é criar suas próprias referências e memorizá-las, como a quantidade de ruas ou de árvores, presença de caixotes de lixo, paisagens sonoras, entre outros. Sinalizações que, comumente, passam despercebidas pelos normovisuais.

Depois de um breve passeio pela cidade, paramos em um café (*Kaffe com letras*) já frequentado por Baio para o almoço. Notei que o dono do estabelecimento, o Rafael, possuía alguns códigos para receber as pessoas com deficiência visual: a condução para a mesa, indicações para o banheiro, a sinalização para fazer o pedido e o modo como entrega as refeições. Atitudes que, comumente, passam despercebidas pelos normovisuais.

Tal fato pode ser explicado porque a poucos metros do café encontra-se o Lar Branco Rodrigues, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Estrutura residencial com mais de 100 anos que promove a reinserção social de jovens e adultos com deficiência visual congênita ou adquirida. Esta casa, que atualmente atende 25 pessoas, também é lar para Aliu Baio e alguns dos seus amigos.

Ficamos ali por um tempo. Almoçamos e depois criamos uma longa e agradável conversa, em alguns momentos espaçados éramos interrompidos por pessoas gentis que nos cumprimentavam, ou por pausas mais longas que Baio realizava para ouvir o ambiente. Ele me fez perceber o tempo de outra maneira:



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Esperar sua escuta, ouvir no mesmo momento que ele, ouvir sozinha os sons do mundo, meus próprios sons, as frequências que me interessam.

Ao explicar sua produção fotográfica, Baio contou-me sobre sua relação com a música e com os sons e, por isto, ele passou a chamar de 'fotografia sonora'. Interessante perceber que tal conceito aproxima-se das produções do artista norte-americano, também com cegueira, Henry Butler. Então, comentei tal semelhança, expliquei tudo que sabia sobre o Butler e a cada informação Baio enchia-se de alegria, não contido afirmou animado "Nossa, é mesmo um irmão". Ficamos felizes e aproveitamos os minutos de risadas.

Butler foi músico e fotógrafo norte-americano, e para produzir suas imagens uniu estes dois campos. Ele afirmava que capturava a vibração das ruas e da vida, por isto, ele andava pelas ruas com a câmera na mão e apontava o equipamento para um som que despertava sua atenção. Este artista tinha a colaboração de uma assistente que respondia suas perguntas sobre a distância, iluminação e esquema de cores, mas ele não estava totalmente preocupado com estas questões, assim como Baio, ele queria fotografar o som. Para Henry Butler, suas imagens são o resultado da intuição e intelecto, ele afirmava: "Não é uma questão de como eu visualizo ou como eu enxergo com os olhos físicos, mas como eu sinto a energia quando ela vai e vem" (BUTLER, 2009).

Após uma tarde de conversa, propus fotografarmos. Ao chegarmos no parque Pinhal do Junqueiro nas proximidades, perguntei ao Baio se ele queria que eu descrevesse os cenários por onde passamos. Imagino as inúmeras vezes em que ele percorreu aquele espaço, mas compartilhei minhas impressões. Então, descrevi tudo à nossa volta, quantas árvores, um tamanho aproximado, as cores, os formatos das folhas e dos caminhos. Para algumas vegetações retirava uma folha e entregava nas mãos de Baio.

O parque tem uma área de 18.000 m<sup>2</sup>, um mapa longilíneo, é bem arborizado e apresenta vários espaços com bastante relva. Os caminhos são curvilíneos compostos por pedras ou feitos por areia fina, existem algumas pequenas praças que contém bancos de madeira pintados na cor vermelha, áreas para piquenique e dois parques infantis com brinquedos de madeira.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Mentalmente Baio criava imagens fantasmas, fotografias imaginárias do jardim, ele também transformava aquele pedacinho verde de Portugal na África, pois sua memória visual contém cenas que viveu e enxergou até os 10 anos de idade na Guiné-Bissau.

Caminhamos um pouco e em seguida nos sentamos em um banco de madeira para Baio explicar-me como acessa a câmera do seu telefone e como o utiliza de uma forma geral. Por meio do recurso de acessibilidade, ele ativa o *VoiceOver* que interpreta e descreve cada detalhe que está na tela do dispositivo. Baio conectou-se à câmera, que estava em modo frontal, e rapidamente ouvimos a descrição da presença de dois rostos e quais as suas localizações “dois rostos na parte inferior”, eram os nossos a observar e escutar o aparelho.

Sem demora, sugeri ao Baio para mudar o modo da câmera e utilizar a disponível na parte de trás do aparelho, levantei-me e coloquei-me à frente do dispositivo, então movia-me para frente e para trás, para a esquerda e para a direita. Sorrimos a cada identificação: “um rosto perto da parte central direita”; “nivelado”; “um rosto perto da parte superior esquerda”, a identificação prezava pela localização do rosto e pelo nivelamento da imagem.

Após este momento, perguntei: “O que quer fotografar?”, Baio me respondeu: “O som destes pássaros”. A sua resposta inquietou-me, principalmente por falar de maneira muito espontânea sobre fotografar o som, e depois, por eu não ter percebido os pássaros. Depois de me silenciar e com atenção, ouvi diferentes cantos, perguntei: “Qual deles?”, e então ele me respondeu: “Vamos até ele”.

Demos alguns poucos passos, e ao parar em frente a algumas árvores, Aliu Baio apontou a câmera para o céu e fotografou. Ao ver a imagem identifiquei apenas folhas da copa das árvores, mas após ampliar a fotografia pude notar pássaros por entre as folhas. Refleti bastante sobre esta experiência e minhas limitações perceptivas, bem como ponderei se realmente era necessário enxergar a imagem e confirmar a presença de pássaros.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Na sequência, ele disse-me que queria ir à praia, pois almejava me mostrar seu lugar preferido para fotografar, ele explicou-me “A música e o mar nasceram comigo”, então fomos. Baio me orientou por um percurso um pouco maior, e durante o trajeto meu pensamento conectava-se constantemente com o conceito de interdependência, pois ao mesmo tempo que Baio me orientava para onde ir, eu o conduzia sobre por onde caminhar.

Tal atividade além de incomum, foi muito curiosa, pois buscava seguir as orientações não visuais que ele me oferecia, tais como “vamos seguir andando pela areia até descer uma rampa de solo liso” ou ainda “seguiremos o som da água” já que havia um pequeno córrego que dava até o mar.

Ao chegarmos na praia de Carcavelos, Aliu Baio me falou de como gostava do barulho do mar, do som das ondas a bater nas rochas e como já fotografou esta cena várias vezes. Caminhamos um pouco, descrevi a praia, a quantidade de banhistas, pessoas tomando sol na areia, as cores dos objetos que comumente se usam nas praias, até como estavam os surfistas. O interessante deste exercício é que ele te faz perceber coisas que talvez não fossem notadas, e especialmente, expõe como seu vocabulário pode ser reduzido para falar do formato das coisas, descrever detalhes invisíveis e sensorialidades.



Figura 1. Qr- code com áudio descrição de uma fotografia produzida por Aliu Baio.

Já no fim da tarde, perguntei ao Baio se ele poderia me fotografar. Animava-me ter um registro daquele dia. Assim, entreguei meu telefone e disse-lhe que iria me colocar a sua frente em uma longa passarela de pedra presente na areia. Então, ele me pediu para continuar a falar, já que este é seu norte de distância. Baio fez várias fotos em sequência, capturou todo o meu movimento, tanto o de afastamento quanto a aproximação até o seu encontro.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Ele pediu-me para ver as imagens e descrevê-las. Aliu me fotografou do joelho para cima e colocou-me no canto inferior direito da imagem. Eu estou no primeiro plano, com as mãos na cintura e sorrindo. Como a câmera padrão dos smartphones possui objetiva grande angular, pode-se perceber bastante o cenário, assim, nota-se o céu azul cinzento, com uma faixa azul claro mais próxima ao mar. Existem nuvens por todo o céu, elas são finas e espaçadas. Já o mar está na cor azul escuro com várias ondas pequenas. A linha do horizonte está em uma leve diagonal.

Do canto inferior direito até o centro da imagem há uma passarela feita de pedras e concretos, como um quebra-mar. Ela encontra-se com o piso molhado, e além da minha presença, ao fundo pode-se identificar um senhor com roupa de frio a caminhar. Gosto de rememorar as imagens desta experiência e pensar o quanto elas podem ser subversivas para os padrões compartilhados socialmente e ditados pela nossa cultura hegemonicamente visual.

Na volta, caminhamos juntos até a casa de Baio, e, em seguida, eu me dirigi à estação de trem com destino a Lisboa. O percurso foi curto para a quantidade de pensamentos e reflexões que me invadiam. Assim, compartilho algumas conexões e entrelaçamentos que realizei, intercalados com trechos da conversa que tivemos.

Ao perguntar sobre sua expressão fotográfica, Aliu Baio esclarece que sua produção mescla a imaginação, memória e o inesperado, é como ele afirma: “o querer capturar, sem o querer. Querer capturar, sem o procurar” (BAIO, 2022). Este artista está sempre atento aos estímulos sonoros ao seu redor e quando algo desperta sua atenção, procura fotografar. Depois de ativar a sua consciência senciante, Baio procura tranquilidade e ressalta que a ação para apertar o botão disparador é um momento de paz interior.

Quando visitou a Costa Vicentina, Aliu desejou fotografar a liberdade. O momento aconteceu em um mirante: “Eu senti o vento a me bater a cara, senti respeito à natureza, pois estava muito alto. Eu pensava no horizonte e sentia a sensação de liberdade, então quis fotografar ela” (BAIO, 2022). É possível identificar uma dimensão fenomenológica na produção fotográfica de Aliu Baio,



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



em que suas criações são profundamente influenciadas por suas percepções sensoriais. Essa resposta corporal, segundo ele, emerge do que considera como inesperado.

Existem fotógrafos(as) PCDVisual que se relacionam, principalmente, com a percepção tátil, como Evgen Bavcar, Sônia Soberats ou Gerardo Nigenda, já outros(as) que são mais estimulados(as) pelo olfato como Rosita Mckenzie, e há vários que não destinam sua atenção a um sentido específico, mas fotografam ativados pela comunhão deles. Na fotografia sonora por Aliu Baio, o corpo reage ao som das ondas do mar e ao canto dos pássaros, mas não apenas aos sons, ele também responde a sensação do vento tocando seu rosto, o contato com as plantas, e a experiência tátil dos pés a tocar a areia da praia e as calçadas de pedras irregulares, entre outros estímulos.

Matt Daw (2013), chama esta prática de fotografia sensorial e esclarece que ela envolve uma experiência fotográfica que ultrapassa a visão, tornando-se acessível e frequentemente produzida por pessoas com deficiência visual. De acordo com Daw, pessoas com cegueira e baixa visão criam fotos como um ato de comunicação, seja para celebrar acontecimentos ou compartilhar aspectos do cotidiano. Posteriormente, essas experiências podem ser revividas por meio da materialidade das imagens produzidas, o que possibilita a interação e o diálogo com amigos e familiares.

Segundo Le Breton (2016), nossa vida é uma interpretação permanente do mundo através do corpo, no qual as experiências sensoriais são afluentes que fluem para o mesmo rio, e este rio que é corpo, é a sensibilidade de um indivíduo singular, nunca em repouso. Pois, tudo que existe passa pelo corpo, uma vez que a condição humana é corporal. Tal compreensão nos remete aos estudos da fenomenologia de Merleau-Ponty.

Merleau-Ponty (1994) nos ajuda a compreender o nexos entre o sentir e o corpo. Para este autor, é por meio do corpo – aquele que sente – que se comunga as sensações, e tais percepções pertencem a um ou mais sentidos, que existem para criar o modo cíclico do *sentir*, pois os estímulos externos afetam o corpo, que respondem ao exterior.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Importante pontuar que a percepção não interpreta ou não ordena a matéria sensível, ela apenas acontece, na relação com os objetos, com o outro e com o mundo. (MERLEAU-PONTY, 2017). A percepção não é um modo de construção, mas um modo de sentir o mundo, em um aspecto da realidade, já que o mundo visível e o tangível não são o mundo por inteiro.

Ao perceber algo, não se estar diante de uma unidade ideal possuída pela inteligência, mas depara-se com uma totalidade aberta para o horizonte indefinido. Nesta relação, a coisa percebida só existe enquanto alguém puder percebê-la. De acordo com Merleau-Ponty (2017), só podemos pensar o mundo porque de início temos a experiência dele, cujo não há uma experiência perceptiva única, mas a pessoal e a coletiva - ligações da experiência de um com os outros, na concordância com as de outrem.

Além do inesperado (ato perceptivo), Baio fala sobre imaginação (que pode ser associada à visualidade e visualização, já mencionados no primeiro tópico) e pontua a memória. Ele nos traz premissas importantes para pensar a fotografia sensorial. Para ele, a memória está presente em duas situações: quando acessa à sua memória de fatos já ocorridos para visualizar as cenas que almeja fotografar, e quando captura uma imagem para construir uma nova memória sobre o fato. Neste sentido, o ato fotográfico é como uma ferramenta para arquivar a situação num contexto mais geral, e não um instante propriamente dito.

Para exemplificar seu pensamento, Baio recorda uma ocasião em que estava a comer hambúrguer com sua namorada. Ele narra: “Ela estava tão bonita naquele momento que desejei fotografá-la, para lembrar daquele dia, da sua beleza, do que conversamos” (BAIO, 2022). Então, percebamos, a fotografia não é apenas um retrato da sua namorada, é sobre o momento, o dia que Baio desejou guardar.

Ele também comenta que, normalmente, rever as imagens no seu telefone (por meio da descrição automática do modo de acessibilidade ou pelo aplicativo *be my eyes*), para relembrar os acontecimentos que o fazem tocar o passado com seu corpo do presente. Neste sentido, a descrição das imagens é como uma



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



memória sobreposta contínua, na qual as palavras podem criar visualidades, e estas podem se transformar em novas palavras.

Nessa conjuntura, é interessante perceber que quando Baio faz uma fotografia, ele não deseja apenas guardar a imagem fixada no suporte, ele procura criar a memória da experiência vivida no momento do disparo. É como afirma o fotógrafo italiano Ferdinando Scianna “Aquela fotografia é indiscutivelmente traço e prova da minha copresença física e emocional com o fato registrado” (SCIANNA, 2014, p.85, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Além disso, quando Aliu Baio produz fotografias, ele também visualiza a África, não como uma revisualização exata dos cenários que enxergou até os 10 anos de idade, mas como uma recuperação simplificada e hibridizada com a atualidade das cenas que lhe tocaram. Fotografar também é uma estratégia de Baio para a manutenção de suas memórias visuais, nas quais as imagens fotográficas produzidas no hoje são como rastros de uma Guiné Bissau que já não existe mais.

Hoje sabemos que não existe, em nosso cérebro, uma caixa onde as memórias são depositadas para depois serem recuperadas. A lembrança não é uma simples recuperação de uma marca, mas um fenômeno reconstutivo complexo. As marcas não se depositam em um único lugar, elas se espalham de certo modo por todo o cérebro, e há também a atividade baseada em nossas experiências, expectativas, e no fato de que nós mesmos mudamos por causa dessas experiências registradas pelo nosso cérebro. Isso faz com que literalmente construamos a lembrança recuperando das marcas aquilo que, naquele momento, nos foi útil. (SCIANNA, 2014, pp. 76-77, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Merleau-Ponty (2003, p.120) nos faz compreender que não há uma lembrança pura, mesmo que seja considerado como um antigo presente

---

<sup>3</sup> Trecho original “Quella fotografia è indiscutibilmente traccia e prova di una mia compresenza física e emotiva con il fatto registrato”.

<sup>4</sup> Trecho original “Oggi sappiamo che non esiste, nel nostro cervello, una scatola dove si depositano i ricordi che poi andiamo a recuperare. Il ricordo non è un recupero puro e semplice della traccia, è un complesso fenomeno ricostruttivo. Le tracce non si depositano in un solo luogo, si diffondono in un certo senso in tutto il cervello, e poi c'è l'attività basata sulle nostre esperienze, le nostre aspettative, sul nostro stesso mutare proprio a causa di queste esperienze registrate dal nostro cervello, che fa sì che noi letteralmente costruiamo il ricordo recuperando dalle tracce ciò che in quel momento ci serve”.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



conservado, pois inscreve-se no Ser o presente. Assim, sobre o passado ele ressalta: “Estou separado dele por toda a espessura de meu presente, o passado só é meu se aí encontra lugar de alguma maneira, fazendo-se de novo presente. Como nunca há, concomitantemente, coisa e consciência da coisa, nunca há, concomitantemente, passado e consciência do passado”, o autor continua seu pensamento ressaltando a importância da experiência, ele segue “tudo o que se dá ao Ser se retira da experiência, tudo o que se dá à experiência se retira do Ser.” (MERLEAU-PONTY, 2003, p.120).

Raciocinar a relação memória e experiência, também nos faz perceber que as experiências proporcionam memórias e estas, por sua vez, constroem a nossa história e podem promover novas experiências. Significativo entender como a experiência de Baio, resumida por ele na tríade inesperado, imaginação e memória, tem a contribuir para o campo fotográfico, principalmente para a fotografia sensorial.

Seu relato me faz pensar nas múltiplas possibilidades de memória, incluindo aquela que ele cria ao acessar novamente as imagens, mesmo que pela descrição acessível delas. Assim, há vários movimentos: fotografar a partir de lembranças de experiências pregressas, memorizar por meio da fotografia o acontecimento, e criar novas memórias quando acessar as imagens no futuro.

Identifico neste meu raciocínio uma compreensão bergsoniana, que aponta para um tempo de contínua transitoriedade, cujo as coisas do mundo não são como antes, modificam-se e podem não existir, há um processo efêmero em tudo que vive. Por não ser fixo, o tempo influencia a memória que também se transforma, logo, há no presente as influências e esclarecimentos a partir do passado, pois não conseguimos compreender as coisas de imediato, o passado ajuda a compreender o presente, que torna-se passado para auxiliar no que vem a ser presente.

Conforme Derrida (2012), a experiência se vive no presente vivo, “não deixamos o presente, jamais deixamos o presente; tudo o que nos acontece nos acontece por definição no presente” (DERRIDA, 2012, p. 80). Assim, há uma



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



relação tempo e memória, que também afeta nossa forma de ser e estar no mundo, inclusive nosso envolvimento com a fotografia.

No amplo entendimento social, a fotografia é tida como captura da realidade, recorte do visível, fragmento de uma cena, e tal apreensão/porção da realidade produzida pelo(a) fotógrafo(a) resulta em uma materialidade analógica (grão) ou digital (pixel), que se configura como um atestado de existência, um marcador das relações têmporo-espaciais, rememorativas, como um índice construtor de narrativas pessoais, familiares, profissionais e autorrepresentativas.

A semântica destas concepções nos conduz a associar fotografia com a extração de algo da realidade - uma captura, um arquivo - e imersos em uma sociedade oculocêntrica, refere-se a um recorte visual, submetido a capacidade de enxergar. Contudo, ao deparar-se com uma imagem fotográfica entramos em contato apenas com um dos aspectos que envolve a atividade fotográfica. Não se pode reduzir a fotografia ao discurso visual, menos ainda às imagens materializadas em suportes, uma vez que ela não acontece apenas na exibição da matéria.

O momento do click não é o início ou o fim do processo fotográfico, tampouco a fotografia corresponde unicamente a foto materializada na película ou no suporte digital. Há no percurso criativo desta atividade várias relações mediativas que não ficam visíveis na imagem revelada. Então, pensemos: O que preenche o espaço entre o fotógrafo e a cena? Entre a câmera e o objeto? Ou ainda, entre o leitor e a imagem? Tais lacunas não estão vazias, mas repletas de informações, sentimentos e acontecimentos visíveis e invisíveis.

## **REFERÊNCIAS**

BAIO, Aliu. Aliu e Celso não deixaram a cegueira roubar-lhes os sonhos. *Diário de Notícias*, 29 abril de 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/especiais/pessoas-e-causas/aliu-e-celso-nao-deixaram-a-cegueira-roubar-lhes-os-sonhos-10835859.html>  
Acesso 12 Jan. 2023.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



BAIO, Aliu. *Conversa e vivência fotográfica*, 2022. [Proponente: Cristianne Melo]. 04 nov. Parede/PT. 1 arquivo .mp3 (68 min.). 12 jan. 2023.

BRIZUELA, Natália. *Depois da Fotografia: Uma literatura fora de si*. São Paulo: Rocco, 2014.

BUTLER, Henry. *Luz Escura a arte dos fotógrafos cegos*. Direção: Neil Leifer. HBO. (32 min.), son., color. 2009 [Documentário]

DAW, Matt. *Sensory Photography - What? Why? How?*, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Zz3JOD6iiM&t=22s> Acesso 12 jan. 2023.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: UFSC, 2012.

GUIBERT, Hervé. *A imagem fantasma*. trad. Amândio Reis. 1.ed. Lisboa: BCF, 2023.

KOSMINSKY, Doris. *Visualidade e visualização: olhar, imagem e subjetividade*. In: SZANIECKI, B.; DIAS LESSA, W.; MARTINS, M.; MONTA, A. S. Dispositivo fotografia e contemporaneidade. Rio de Janeiro: NAU; PPD ESDI/UERJ, 2013.

LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SCIANNA, Ferdinando. *Lo specchio vuoto: Fotografia, identità e memoria*. Roma: Laterza, 2014.